

Nietzsche, niilismo e verdade

Danilo Bilate – Doutorando e Mestre em Filosofia pelo PPGF/UFRJ

Uma opinião corrente a respeito da filosofia de Nietzsche precisa ser debatida: a de que sua filosofia poderia ser classificada de “relativista”, ou melhor, de que ele negaria ou se oporia à verdade. Como veremos adiante, por vezes somos obrigados a desconfiar de um paradoxo em seu pensamento ou, ao menos, de que, ao tratar desse tema, Nietzsche não foi suficientemente claro. Torna-se preciso perguntar, então: O que significa dizer que Nietzsche luta contra a vontade de verdade? O que é isso que ele chama de verdade? Sabe-se que Nietzsche mostra que todo conhecimento é perspectivo, o que quer dizer que o conhecimento possui uma limitação de perspectiva. Mas o discurso nietzscheano se estrutura não só pela busca por uma verdade, como pela crença na *possibilidade* da verdade, sem a qual a própria busca não se daria, como é minha hipótese.

Para desenvolver o problema, detenhamo-nos primeiramente no §110 de *A gaia ciência*. Afinal, talvez as palavras que se seguem tenham sido escritas por Nietzsche para tratar de si mesmo:

O conhecimento se tornou então parte da vida mesma e, enquanto vida, um poder em contínuo crescimento: até que os conhecimentos e os antiqüíssimos erros fundamentais acabaram por se chocar, os dois sendo vida, os dois sendo poder, os dois no mesmo homem. O pensador: eis agora o ser no qual o impulso para a verdade e os erros conservadores da vida travam sua primeira luta, depois que também o impulso à verdade *provou* ser um poder conservador da vida.¹

Enquanto pensador, Nietzsche talvez seja o primeiro a personificar a luta entre o impulso à verdade e os erros que porventura conservem a vida, isto é, que estejam à disposição dos interesses da vontade de poder. Pois, é preciso deixar claro, Nietzsche muito provavelmente é ele próprio esse pensador a que se referiu. Como pensador, como filósofo, ele é alguém que busca a verdade. Que Nietzsche fale em nome da verdade e a deseje é um fato óbvio. Não por acaso é dele esse texto tão enfático:

A verdade fala em mim. – Mas a minha verdade é *terrível*: pois até agora chamou-se à *mentira* verdade. Minha sina quer que eu seja o primeiro homem *decente*, que eu me veja em oposição à mendacidade de milênios... Eu fui o primeiro a *descobrir* a verdade, ao sentir por primeiro a mentira como mentira.²

Em primeiro lugar, é preciso notar que a produção de verdade, em si mesma, não é considerada uma atitude niilista por Nietzsche. O que ele renega como tal é a crença na verdade como absoluta, como metafisicamente fundamentada, como universalmente válida. A crítica nietzscheana ao niilismo, nesse caso, se dirige a um fato preciso: à *inconsciência* ou – quando consciente – à *recusa* por parte do homem de seu potencial artístico de produzir sentidos e valores. É a crença na verdade como absoluta que está ligada ao niilismo, à vontade de nada e ao ideal ascético. E é a esse tipo de crença que

¹ Nietzsche, F. *Gaia Ciência*, §110.

² *Ecce Homo*, “Por que sou um destino”, §1.

Nietzsche dirige seus ataques. Porque é esse modo de vontade de verdade que permite a moral cristã, a qual nega a vida em prol de um mundo imaginariamente superior, mas que de fato não existe: “A incondicional vontade de verdade, é a *fé no próprio ideal ascético*, mesmo como seu imperativo inconsciente, não haja engano a respeito – é a fé em um valor *metafísico*, um valor *em si da verdade*, tal como somente esse ideal garante e avaliza”.³ Devido à falta de consciência da discrepância entre o mundo e a linguagem, entre a natureza e as palavras, conhecimento e objeto, isto é, devido ao esquecimento do aspecto metafórico da verdade, o homem passa a crer em verdades, valores e sentidos absolutos. Contra essa postura é que o pensamento nietzscheano se insurge e é por esse motivo que ele se propõe a colocar o valor da verdade em questão:

O ideal ascético foi até agora *senhor* de toda filosofia, [...] a verdade foi entronizada como Ser, como Deus, como instância suprema [...] A partir do momento em que a fé no Deus do ideal ascético é negada, *passa a existir um novo problema*: o problema do *valor* da verdade. – A Vontade de verdade requer uma crítica – com isso determinamos nossa tarefa –, o valor da verdade será experimentalmente *posto em questão*...⁴

A grande luta da filosofia de Nietzsche é contra a decadência em todas as suas manifestações. É o que se passa com a verdade e com a vontade de verdade. Quando há uma definição de verdade que reforce o niilismo, e esse é o caso da definição de verdade como absoluta – que permaneceu vitoriosa na história da filosofia ocidental pós-platônica – aí sim é preciso que se trave luta e guerra, em nome da vida. Por isso diz Nietzsche: “‘A verdade em si’: isto significa, onde quer que seja ouvido: *o sacerdote*

³ *Genealogia da moral*, “Terceira dissertação”, §24.

⁴ *Ibidem*.

mente...”.⁵ Nessa frase tão lúcida, Nietzsche demonstra que há uma verdade sim, que ao seu critério se pode enxergar a *mentira* do sacerdote, essa mentira, isto é, essa não-verdade que consiste em dizer que há uma verdade em si. A vontade de verdade serve ao niilismo quando se mostra, ao mesmo tempo, como vontade de certeza, vontade de segurança, vontade de fundamento. Nesse caso, a vontade de verdade, decadente, é uma busca pelo impossível – negação do fato e da necessidade, mentira, niilismo – e uma busca por outros mundos, isto é, por metafísica:

O afã e a sutileza, quase diria: a astúcia, com que em toda parte da Europa é hoje abordado o problema ‘do mundo real e do mundo aparente’, leva a pensar e a espreitar; e quem aqui nada ouve no fundo, a não ser uma ‘vontade de verdade’, certamente não goza da melhor audição. [...] Uma ambição metafísica de manter um posto perdido, que afinal preferirá sempre um punhado de ‘certeza’ a toda uma carroça de belas possibilidades; talvez haja inclusive fanáticos puritanos da consciência, que prefiram um nada seguro a um algo incerto para deitar e morrer. Mas isto é niilismo e sinal de uma alma em desespero, mortalmente cansada, por mais que pareçam valentes os gestos de tal virtude.⁶

É preciso que gozemos da melhor audição. Não será possível haver outro tipo de vontade de verdade que se situe para além do ascetismo e do niilismo? É somente com a resposta positiva em mente, que delimita a hipótese de que a guerra de Nietzsche é contra *uma* forma de vontade de verdade, a forma decadente, que acredita na fundamentação metafísica do ser, da substância e da verdade, no absolutismo da verdade e da oposição de valores, somente com essa hipótese em mente, eu dizia, é que podemos compreender o texto que se segue:

⁵ *O Anticristo*, §55.

⁶ *Além do bem e do mal*, §10.

Não passa de um preconceito moral que a verdade tenha mais valor que a aparência; é inclusive a suposição mais mal demonstrada que já houve. Admita-se ao menos o seguinte: não existiria nenhuma vida, senão com base em avaliações e aparências perspectivas; e se alguém, com o virtuoso entusiasmo e a rudeza de tantos filósofos, quisesse abolir por inteiro o ‘mundo aparente’, bem, supondo que *vocês* pudessem fazê-lo – também da sua ‘verdade’ não restaria nada!⁷

A única forma de não vermos uma contradição desse trecho com os anteriormente lidos é tentando descobrir com quem Nietzsche está dialogando aqui. De quem é essa “verdade” de que nada restaria se o “mundo aparente” fosse abolido? É com a tradição filosófica ocidental, que sempre se manteve crente na verdade como absoluta, como metafisicamente fundamentada. É para essa tradição, e para seus seguidores, que Nietzsche parece querer dizer algo.

Nietzsche não é um negador da verdade e nem mesmo um negador da vontade de verdade. Ele é, sim, um opositor do niilismo. Nietzsche não acredita na *ausência* de verdade. Ele apenas tem consciência de que a verdade é uma interpretação, quer dizer, uma construção humana. O lugar de onde Nietzsche considera o conhecimento é o da vontade de poder, mas, de todo modo, é também o da verdade ou, ao menos, de um “novo tipo” de verdade. É possível pensar em um novo modo de verdade, ou melhor, num novo modo de interpretar a verdade que não negue as condições de seu nascimento, mas afirme seu caráter humano e artístico. Afirmar que a verdade é uma construção humana é diferente de dizer que não há verdade ou que a verdade é falsa. Esse adjetivo “falso” só pode ser adicionado à palavra “verdade” quando se está do ponto de vista da tradição filosófica ocidental, em outras palavras, do ponto de vista da metafísica, indicando, por aquele adjetivo, apenas a humanidade da verdade. A confusão aqui, como em muitos outros casos, parece se sustentar na ambigüidade dos termos. Nietzsche, de fato, não fala em nenhum lugar em uma vontade de verdade afirmativa e

⁷ *Além do bem e do mal*, §34.

ascendente. Isso porque quanto ele usa a expressão está se referindo sempre a *um tipo específico* de vontade de verdade. Mesmo Heidegger nos lembra disso: “vontade de verdade significa aqui e sempre em Nietzsche o seguinte: a vontade do ‘mundo verdadeiro’ no sentido de Platão e do cristianismo, a vontade do supra-sensível, do que é em si”.⁸

A partir dessa posição de combate à tradição metafísica, Nietzsche defende uma aceitação, por parte do homem, de seu lugar de criador. Aceitação que não pode ser confundida, sob quaisquer hipóteses, com uma resignação triste. Essa aceitação alegre e apaixonada é a justificação estética da existência. O homem está condenado a produzir sentido. Nietzsche, no entanto, *ri* dessa condenação, se alegra e se orgulha desse lugar ao que o homem é condenado. Por quê? Porque *ama* ser artista. E com esse amor, *amor fati*, ama a vida como ela é:

Como fenômeno estético a existência ainda nos é *suportável*, e por meio da arte nos são dados olhos e mãos e, sobretudo, boa consciência, para *poder* fazer de nós mesmos um tal fenômeno. Ocasionalmente precisamos descansar de nós mesmos, olhando-nos de cima e de longe e, de uma artística distância, rindo de nós ou chorando por nós; precisamos descobrir o *herói* e também o *tolo* que há em nossa paixão do conhecimento, precisamos nos alegrar com a nossa estupidez de vez em quando, para poder continuar nos alegrando com a nossa sabedoria!⁹

Nietzsche aconselha, seja dito, em raros momentos, que se crie uma outra forma de vontade de verdade. Uma forma que incentive a ascendência da vida, que auxilie na expansão de forças da vontade de poder. Por isso ele diz: “*Mas os autênticos filósofos são comandantes e legisladores: eles dizem ‘assim deve ser!’ [...] Seu ‘conhecer’ é criar,*

⁸ Heidegger, M. *Nietzsche I.*, p.69.

⁹ Nietzsche, F. *Gaia ciência*, §107.

seu criar é legislar, sua vontade de verdade é – *vontade de poder*”.¹⁰ Nietzsche é esse filósofo autêntico. Alguém que soube fazer da vontade de verdade representante direto da vontade de poder, ou seja, da vida. A vontade de verdade pode, sim, ser afirmadora e é esse tipo justamente o que leva à crítica de seu próprio caráter, tipo que toma corpo, pela primeira vez, no pensamento de Nietzsche, graças ao reconhecimento da interpretação e de uma crítica da linguagem. É através da consciência da sua condição de criador de verdades, é através do *saber* de si, que o homem pode, então, desejar sua condição. Com o saber sobre a função da interpretação, o homem pode dominá-la e orientá-la a favor da vontade de poder. A postura que se tem diante da linguagem e o uso que se faz dela passam a se dar afirmativa e ascendentemente.

Desse modo, é preciso pensar em uma nova forma de relação com isso que é chamado de verdade. Reconhecendo sua raiz metafórica e humana, inserida no devir, a verdade deve ser entendida como uma produção humana que se firma como tal pelo seu caráter afirmativo. É tomando a vontade de poder como medida que uma interpretação pode ser considerada verdadeira ou falsa. *Uma verdade que se estabeleça em função da vontade de poder.* É essa a conclusão que suspeitamos de quando Nietzsche nos fala: “Até onde vai a influência do teólogo, o *juízo de valor* está de cabeça para baixo, os conceitos de ‘verdade’ e ‘falso’ estão necessariamente invertidos: o que é mais prejudicial à vida chama-se ‘verdadeiro’, o que a realça, eleva, afirma, justifica e faz triunfar chama-se ‘falso’...”¹¹ Invertidos, sim, em relação à verdade e à falsidade tal como elas são entendidas por Nietzsche que, por sua vez, as entende como delimitadas em sua propriedade de acordo com a sua “utilidade” ou não para a vida. O teólogo, o asceta ou o niilista usam critérios de verdade que são estabelecidos sem qualquer relação afirmadora da vontade de poder e permissiva para sua expansão. Ao contrário, e

¹⁰ *Além do bem e do mal*, §211.

¹¹ *O Anticristo*, §9.

o que é mais grave, o critério de verdade niilista é, do ponto de vista do critério que nos propõe Nietzsche, invertido. Em última instância: *falso*.

Se o conhecimento humano é interpretação e, como tal, perspectiva, arbitrariedade, não se conclui daí que ele não possa ser verdadeiro. Que o conhecimento se sustente numa rede de significações e que, além disso, a significação do mundo seja uma operação antropomórfica e antropomorfizadora, isso nos diz apenas que não há verdades que existam em um mundo supra-sensível, verdades, como substantivo, que existam independentemente do homem. Mas a verdade, como adjetivo, como qualificação de uma interpretação, que classifica um determinado conhecimento como fazendo justiça ou acordando com o real, essa verdade humana, demasiado humana, não só existe como é objetivo de toda a *démarche* nietzscheana.

O que diferencia a postura de Nietzsche e a da tradição é a preocupação intensa do primeiro em denunciar a falsidade das interpretações metafísicas, que estabelecem num outro mundo, imaginário e irreal, o estatuto de verdade. O mundo da verdade como o mundo do ser, da essência, da lei, do fato, o mundo dos sentidos pré-existentes, inumanos e absolutos. Essa mentira que é a metafísica é decadente justamente por ser falsa, isto é, por contradizer a vida. Aqui, como em todas partes da filosofia de Nietzsche, o fundamental é entender a dimensão existencial de seu pensamento, ou seja, é enxergar a grande guerra que ele trava contra a decadência, contra a metafísica e contra o niilismo em favor da vida. O crucial, aqui e sempre, é verificar a postura afirmativa e ascendente de Nietzsche. Seu ensinamento primeiro: *amor fati*.

Referências bibliográficas:

HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche I*. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *O anticristo: maldição ao cristianismo / Ditirambos de Dionísio*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PIMENTA, Olímpio. *A invenção da verdade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.